

# Gaiato

30 DE OUTUBRO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 721 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## 281 Aqui Lisboa

Anuncia-se finalmente a instalação do Ciclo Preparatório e a criação da esperada Escola Técnica na sede do concelho de Loures. É um passo dado na consecução daquilo que há muito se impunha e era ansiosamente aguardado. Importa agora passar da letra dos despachos às realizações concretas. Já não é sem tempo!

X X X

Enquanto à nossa roda se topa uma quase demissão colectiva do exercício das responsabilidades educativas, com as consequências mais trágicas no plano individual e colectivo, vamos teimando por reunir as forças indispensáveis para fazer frente aos problemas que a todos os instantes se nos põem. Se temos de fazer um esforço sério por compreender os tempos e as pessoas não podemos embasear nas modas só por se tratar de modas e devemos resistir à tentação, que a tanta gente enfraquece e mina, de abandonarmos ou traírmos o nosso dever só para não parecermos atrasados. Com mais de cem jovens à nossa guarda, o grande perigo será cair, como às vezes tem sucedido por fraqueza ou cansaço, dizemo-lo humildemente, em atitudes tipo duche escocês, que mais são função do humor ocasional e em nada dizem respeito às situações concretas. Inflexibilidade nos princípios e uma concomitante compreensão das questões de plano secundário, eis uma directriz que temos tentado trilhar, aliás nem sempre com êxito. Ver a autoridade como meio indispensável para a educação na liberdade e não como fim, eis outro caminho a percorrer, já que o homem foi criado livre, não confundindo, porém, anarquia ou libertinagem com liberdade.

Se há para aí muita gente demitida das suas obrigações, pululam também os teóricos da educação, reduzindo tudo a fórmulas matemáticas, com receituários mais ou menos complicados, género elixir para todos os problemas e situações, que dedilham à maneira dum dicionário, procurando as respostas ou soluções em certas páginas e em linhas determinadas. Sucedendo, porém, que

Cont. na TERCEIRA página

As transplantações, nos animais como nas plantas, não se operam sem reacção. O órgão novo e o organismo velho não se recebem espontaneamente. E a plantazinha transplantada ressentem-se até que se habitua às novas condições de enraizamento. E se em vez de plantazinha, se trata de um ser adulto, em regra é a rejeição o que sucede — e a morte.

Ao nível do homem a coisa complica-se. Deixa de pertencer exclusivamente ao mundo do fisiológico ou do ecológico, para nela se inserir a gama incomparavelmente mais rica e mais subtil do psíquico.

A vida é essencialmente evolução. Mas o ser vivente re-

## LOURENÇO MARQUES

quer estabilidade para que essa evolução se realize pacificamente — e não haja choque entre dois movimentos que não foram previamente harmonizados.

O homem que muda, encontrará muitas circunstâncias novas a que terá de adaptar-se. E a adaptação leva tempo, consome energias. Se o homem se não demite da sua dignidade de ser racional, tem de conhecer primeiro o ambiente que vai rodeá-lo; e planear

ele mesmo as modificações acidentais que, sem ferirem a essência da sua personalidade, o conformarão ao novo meio. As suas faculdades espirituais ficam sempre profundamente empenhadas na transformação, e, quantas vezes, também as físicas, se o transplante se processou para os antípodas.

Estabilidade não significa inamovibilidade. Esta poderia degenerar facilmente em estagnação. Como na rodagem de um carro, convém de quando em vez pisar o acelerador para evitar o calo dos órgãos transmissores do movimento, também a possibilidade de remoção e ela própria em acto têm virtude dinamizadora na vida dos homens. Mas tal não altera o princípio da estabilidade como condição indispensável de conhecimento e de amor — consequentemente de doação aos homens, doação persistida, sacrificada, que só o amor dita e pode sustentar.

Uma missão cumpre-se e só tem fim no seu fim. Quando ela é transcendente, acabam os homens e outros serão chamados a assumi-la. Mas só se servirá eficientemente em espírito de missão, não de comissão.

A responsabilidade transitória acaba por ser parente próxima da irresponsabilidade. É preciso que os homens sejam ultra-humanamente sérios para se empenharem, com compromisso deles próprios, no que sabem que não terá continuidade. Um critério, a perma-

Cont. na QUARTA página



Outra panorâmica da nossa Casa do Gaiato de Lisboa — em Santo Antão do Tojal (Loures).

## MALANJE

POR PADRE TELMO

Vi na Metrópole alguns sacerdotes em aldeias desertas — velhos e crianças — desanimados e quase sem ocupação. Outros, nalgumas cidades, procurando afanosamente, «aulinhas» para se defenderem melhor. Nalgumas dioceses de Espanha, muitos se ocupam de pequenas coisas porque sobram.

Quase todas as dioceses marcam posição de pé firme que revela tacahez no modo de ver o Evangelho.

Vê-se com tanta evidência a necessidade de uma pastoral de conjunto, sem linhas diocesanas, projectada no mundo.

Primeiro, da parte dos sacerdotes, a disposição plena de

partir sem condições. Não somos mais que o Mestre... É para todos tempo de partirmos sem saber para onde e o que vamos ganhar...

Segundo, da parte dos Bispos, a coragem de os mandar, de os deixar partir. A cruz peitoral não ficará empobrecida.

Na diocese de Malanje há várias missões alimentadas por uma diocese de Espanha. Por cada um que vem Deus dará ao seu Bispo medida grossa. Soube ver além da linha da sua diocese, da linha da sua

Cont. na QUARTA página

ALGERUZ (Setúbal) \* BEIRE (Paredes — Douro) \* BENGUELA (Angola) \* COIMBRA \* LISBOA \* MALANJE (Angola) \* MIRANDA DO CORVO \* PAÇO DE SOUSA PORTO \* SANTIAGO DO INFULENE (Lourenço Marques) SANTO ANTÃO DO TOJAL (Loures) \* SETÚBAL



# PELAS CASAS DO GAIATO

## LOURENÇO MARQUES

**ESCOLAS** — Ao ler uma das últimas edições em que o nosso Padre Luís tratava dos problemas da falta de estabelecimentos de ensino nos arredores de Lisboa, aproveitei para falar desse assunto também por cá.

Não é só nos arredores de Lisboa que se sente essa falta; pela nossa Província fora também. Nós vamos pelas missões e encontramos os professores nativos a dar aulas debaixo dos cajueiros! Como é que se pode ensinar nestas condições, sem salas de aulas?!

Nós fizemos uma Escola, com três grandes salas, sendo uma para preparação feminina. Em Lourenço Marques não se encontram escolas como a nossa. Não pensem que os Serviços de Educação deram alguma coisa para elas!...

Os únicos que deram preciosas ajudas fostes vós — caros amigos leitores — com os vossos donativos. E, assim, construímos as Escolas, pouco a pouco, conforme iam chegando as vossas simpáticas ajudas.

Temos alunos da Casa e de fora. Digo temos, porque as Escolas e tudo o que por cá existe, também é vosso — porque contribuístes com a vossa quota parte.

Agradeço — e agradecemos — a todos porque, assim, vamos lançar homens para o progresso. Digo para o progresso, porque alguns dos que de cá saíram em anos anteriores já frequentam Liceus em Lourenço Marques.

**CONJUNTO MUSICAL** — A respeito da última crónica, ostais recordados que vos falava do Conjunto Musical. E até sugeri pensassem em dar a vossa ajuda; e que outros seguissem o vosso exemplo.

O primeiro contribuinte, deu logo mil escudos! Muito obrigado. E hão-de chegar outros, se Deus quiser. Pois todos sabem, que com mil escudos não se faz nada. Mas, repito, estou confiante que hão-de chegar mais, até migalhas mais pequenas. E tão do nosso agrado! É escusado seguir tão à letra o primeiro exemplo...

Confiante na vossa atenção e carinho, desde já agradeço a vossa colaboração, em nome de todos os elementos do Conjunto.

José Manuel («Santana»)

## SETÚBAL

**ELEIÇÕES** — Realizaram-se no passado dia 10. E, este ano, decorreram em moldes diferentes. Era costume proceder-se à escolha de um Chefe Maioral para a Casa de campo e de outro para o Lar. Ora, como sabem, temos as Oficinas na cidade — e é aí, no Lar, que estão os Rapazes com mais capacidade de chefia. Por isso, pensámos na necessidade de eleger um Chefe geral de ambas as Comunidades. Outro, que seria o da Casa de campo; e ainda outro,

do Lar; bem como os respectivos sub-Chefes. Como é óbvio, o Maioral das Comunidades orientará o trabalho dos outros responsáveis e de ambas as Casas.

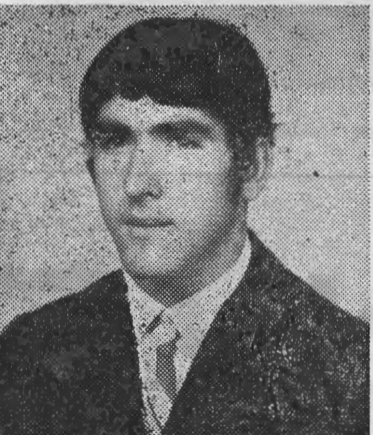
Oito dias antes das eleições — como se introduziria novo sistema de gestão — o eleitorado com a idade mínima indispensável, reuniu-se para estudar e debater o novo sistema; para avaliar conscientemente se o mesmo seria, de facto, o melhor. Tive



«CHARRUA» — Chefe Maioral das Comunidades de Setúbal.



RUFINO — Chefe do Lar de Setúbal.



RAMIRO — Chefe da Casa de Setúbal, em Algarve.

o voto da maioria. E marcou-se, então, a data para o sufrágio que, repetimos, foi em 10 de Outubro.

Antes da votação, o Sr. Padre Acílio apelou para a consciência de todos e para a seriedade do acto — de transcendente importância para ambas as Comunidades. Será do Chefe — dos Chefes — que dependerá muito a boa ordem da nossa vida. Aconselhou, inclusive, se pusesse de parte simpatias ou antipatias pessoais e se desse ouvidos só à voz da consciência.

Leu, também, oportunas palavras de Pai Américo sobre a eleição dos Chefes e da sua importância para cada uma das Casas do Gaiato — para a Obra da Rua.

A votação para o Chefe geral das Comunidades forneceu os seguintes resultados: «Charrua», 44 votos; Laurindo, 13; Leandro, 3; Quim, 2; e Emiliano, 0 votos.

Houve só dois candidatos para Chefe da Casa de campo. Foi o Ramiro, com 33 votos. E, como sub-Chefe, o Dâmaso com 30 votos. Esta votação foi seguida com extraordinário interesse, por via da escassa diferença entre ambos os candidatos.

Para Chefe e sub-Chefe do Lar, procedeu-se a segundo escrutínio — pois o eleito teria de reunir maioria absoluta. Eis os resultados finais: Rufino, 26 votos; António Albino e Emiliano, 8 votos cada; Teodoro, 4 votos. Atendendo que o António Albino e o Emiliano empataram, procedeu-se, ainda, a outro escrutínio para a escolha do sub-Chefe do Lar, tendo sido escolhido o António Albino com 23 votos; o Emiliano recebeu 16 e o Teodoro 7.

No fim de cada um dos escrutínios, os eleitores saudaram calorosamente os novos Chefes, com fortes aplausos. E, a encerrar a prolongada sessão, o Sr. Padre Acílio também felicitou os eleitos, tecendo várias considerações muito oportunas. Disse-lhes que é, realmente, uma grande cruz ser Chefe; porque tem de ser aquele que ama sem interesse. E amar sem interesse traz sempre sofrimento. Por fim, afirmou — com veemência — contar com a colaboração amiga, sincera, leal e desinteressada de cada um dos responsáveis — para a boa ordem da nossa vida.

Queremos deixar, também, aqui expresso — em nome das Comunidades — o nosso voto de confiança e de esperança no bom desempenho do cargo e da responsabilidade que agora caiu sobre os ombros dos eleitos.

**OBRAS** — Depois de terminadas na sala de jantar, cozinha, copa e anexos, começaram as da piscina. Tínhamos uma pequena, que já não dava para todos se banharem à vontade. Está a ser ampliada e ficará mais funda, para que todos possam pôr em evidência as suas qualidades de bons nadadores. Agora sim. Já parece uma piscina, mas ainda só temos paredes levantadas!

**LAVOURA** — Começou a ceifa do arroz. E acabámos a vindima. Houve menos uva que o ano passado, mas parece-me que o mal foi geral.

**DESPORTOS** — Recomeçou o interesse pelo futebol. Beneficiámos de três retumbantes vitórias sobre adversários como são o Algeruz, Padeiras e uma Selecção dos arredores. Mas estas vitórias têm sido obtidas com problemas! Uma vez por outra um chuta a bola e lá vai o sapato atrás...! Resultado: se não se andar no campo com cautela, estamos sujeitos a vir de lá com a cabeça partida ou com alguma lesão! Como resolver o problema? Vamos daqui lançar um apelo aos senhores do Futebol; no caso de terem algumas botas que não façam falta às vossas equipas, façam o favor de no-las enviar. E assim resolveríamos um dos nossos maiores problemas.

Desde já o nosso obrigado pelo vosso interesse.

Laurindo F. Lopes

## Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

Eramos cinco — com trabalho programado. Dois, de vassoura, para limpeza normal (que a extraordinária até meteu sacola!). Outro, com um varriscão, ocupado no quinteiro. Mais outro, para arrumar só o quarto: mudança de roupa, arejamento do colchão, etc. E mais um, destacado para a cozinha — limpeza geral, e lavagem da louça com adequada sabonaria.

Foi uma manhã cheijinha! Não nos afligimos com os pequenos progressos do nosso amigo. Tampouco com uma ou outra renitência. São dezenas de anos de imundície inconsciente; e vítima, também, do exemplo de alguns agregados rurais, em que o subdesenvolvimento — sob todos os aspectos — deixou marca difícil de sarar. O que não haveria a fazer acerca deste ponto!! E a fazer...!

«Em vossas casas deve estar tudo como um brinco...!», exclamou, com fino humor, o nosso amigo, enquanto suávamos as estopinhas. Explicámos, então, novamente, o valor da higiene. «Pois é... a nossa vida é dura... e a gente suja-se muito...». Mas já tem o indispensável — replicámos, com um sorriso nos lábios e um abraço apertado.

Enquanto prosseguíamos a tarefa, ele desapareceu discretamente, roupa debaixo do braço. Foi fazer a mudança em um anexo...

Era o meio da manhã. O sol bafojava o ambiente. E o nosso «almocida», no quinteiro, nem abria a boca! Dentro, eramos mais barulhentos — e não há dúvida que, psicologicamente, esta simplicidade é salutar e proveitosa.

As paredes já estão branquinhas, desinfectadas. A cama está que nem um brinco — com lençóis brancos de neve. Mas ainda dormiu sobre os cobertores... O soalho foi esfregado. Ai o soalho! Que trabalho o da visinba!...

Enquanto marcámos o dia da esfrega, conversámos sobre o telhado. E o inverno que se aproxima. Vamos à obra? Ainda não! «Deixem-me colher os figos...». A figueira dá para o telhado... Temos de ser benevolentes.

Acabado o nosso trabalho de domingo, lavámos as mãos na bacia, colocada sobre uma arca da sala. Ainda não arranjámos um lavatório... Quem nos dera um! Cavaqueámos um pouco mais. E queimámos outro cigarro, enquanto ele preparava o caldo, mastigando um naco de boroa.

Foi de boroa na boca que, de nós, se despediu. Bem disposto. Outro homem. Outra cara. Bendito seja Deus!

E seguimos, em grupo, meditando no complexo de problemas — até d'ordem psicológica — deste pobre de Cristo. Planeando o seguinte encontro, no próximo domingo. Outra manhã activa. Que modificará, até onde Deus quiser, o amanhã (breve) daquele homem. «Já não duro muito...», disse-nos muitas vezes.

Quanto a Lazaros como este por esse mundo, à espera! Como a terra seria outra e o Céu estaria mais perto de nós, se...

Que os homens do progresso — os tecnocratas — se não ludibriem com as grandezas materiais. E, em todas as obras, se preocupem — sempre — com o homem todo, corpo e espírito. De contrário, não faltam Lazaros — de muitas formas e feitios

— até bem encasacados...! É — ou será — uma marca dos tempos?

x x x

**DONATIVOS** — O caso apontado acima, tem gerado um interesse muito especial entre os nossos leitores. Não exageramos afirmar que a maior parte das presenças anotadas é motivada por ele. Vamos à procição:

Abre uma amiga de Paranhos — Porto, com 50\$00 e a «ortografia pécima chêga bem para nus compreendermos». Torno a dizer que sim. E ninguém fica a saber quem é. Descanse!

Mais 50\$00 da Madalena e delicada desculpa «por ser uma importância pequena». Mais 40\$00 «para o velhinho», de Avintes. E mais 100\$00 «para a ajuda da casa do pobre velho, da rua do Sol (ao Rato) — Lisboa. E outra vez Lisboa:

«... Enviei, hoje, um vale de 1.043\$70, que se destinava a meu Pai; como não pode ser para ele cá na terra, pensei que o melhor destino seria para os Irmãos amparados pela Conferência...»

Mais 20\$00 da assinante 1.469. E 10% de 500\$00, de sacerdote muito amigo — devotado d'alma e coração à Vinha do Senhor; os outros 90%, Pe. Abraão encaminhou-os para a Conferência do Lar do Porto, cujos vicentinos deviam ser mais perseverantes em transmitir notícias...

Da Figueira da Foz, 20\$00 «para ajuda do telhado do velhinho de que fala o último «Gaiato». É pouco, mas ainda não sou uma verdadeira cristã... Peça a Nosso Senhor que me ajude...». Unamo-nos na mesma prece — porque todos carecemos.

Nova presença da rua Nova do Calhariz, Lisboa:

«...Para me libertar de uma última censura de consciência e responder ao apelo do último «Gaiato» junto lembrança minúscula... e 25\$00 para o caso do homem velho da Conferência de Paço de Sousa... Que nós, os que estamos de fora, deixemos de ser iões espectadores e passemos a iões que entram na competição, para a melhoria do próximo...»

Mais um vale postal de 300\$00 de «um assinante do Seixal». E 70\$00, parece-nos que de Aveiro. E outra vez de Lisboa duas vezes 20\$00, de senhora muito amiga. E mais 20\$00 que valem milhões — de Leonor. O Senhor a ajude na sua cruz! Agora, os habituais 40\$00 da assinante 17022. E metade da «Viúva do Porteiro» — que vale outra fortuna. Ainda 100\$00, de Lisboa: «... Se eu pudesse mandava-lhe muitas vezes; mas sou professora aposentada e doente — não posso fazer o que desejava, pois ainda tenho encargos de família...». Finalmente, 250\$00 da Rua de Ceuta — Porto.

Demos graças a Deus!

Júlio Mendes

## TOJAL

**ESCOLAS** — Começou em todo o País mais um ano lectivo. Novos e antigos alunos lá vão sorridentes, resolvidos a abrir os olhos para a vida. Entre nós as aulas também começaram e tudo se processa da mesma maneira. O passado ano escolar não foi mau em relação ao nú-

CONT. NA QUARTA PAGINA



No passado Domingo foram as eleições em nossa Casa. Elas são o acto principal e o mais decisivo para a vida de uma Comunidade. Dentro do ambiente de pureza e simplicidade em que vivemos, as eleições surgem na dignidade soberana da sua natureza. Não há corrupção. Não há interesses. Não há vaidade. Há sim a responsabilidade, a cruz e a honra.

Dadas as características especiais desta Casa do Galato — oficinas longe da Casa-mãe; um Lar grande junto das oficinas e a proximidade relativa da Casa-mãe e do Lar — não existem diferenças comunitárias. Somos todos os do Lar e os de Casa uma única Comunidade. Como ordinariamente os do Lar são os mais evoluídos e ao Chefe Maioral compete a distribuição e organização das tarefas na Casa-mãe, aconteceu, durante vários anos que a candidatura a Chefe Maioral recaía somente naqueles Rapazes que faziam toda a sua vida na Casa-mãe em Algeruz, ficando assim a Comunidade prejudicada pois não eram propostos os mais capazes. Em reuniões de Chefes alvitrou-se até que alguns Rapazes interrompessem o seu curso e fossem propostos para a maior Chefia da Casa. Todos estes sistemas traziam graves inconvenientes verificados ao longo dos anos e com prejuízos para a Comunidade inteira.

Um novo processo surgiu este ano: O Chefe Maioral seria o responsável pelas chefias do Lar e da Casa e o substituto do padre em tudo, sempre que este não estivesse. Teria a ajudá-lo, um Chefe no Lar, que seria o responsável imediato da vida do Lar, e, em Casa, um Chefe que igualmente tomaria o comando das actividades da mesma.



# SETUBAL

Assim qualquer Rapaz podia ocupar o posto de Chefe Maioral quer estudasse ou visse no Lar ou em Casa.

O novo processo foi apresentado a toda a gente e posto em discussão, franca e livre a todo o eleitorado. A maioria esmagadora foi pela nova ideia. Apenas cinco entre sessenta e três votaram contra.

Uma eleição é sempre preparada. Por três vezes tomei a palavra para lembrar e fazer reflectir na importância duma eleição, na grandeza, dignidade e responsabilidade do Chefe, nos perigos e tentações que podem viciar o nosso voto e na necessidade de que o eleito tome a cruz com alegria.

Durante a manhã de domingo reuniram-se os Chefes comigo, para escolher os candidatos. Foram propostos: Laurindo — Chefe e encarregado da Tipografia; Jorge — Chefe cessante do Lar e estudante no 3.º Ciclo Liceal; Emilliano — compositor mecânico, aluno do 4.º ano da Escola Industrial e sub-Chefe cessante do Lar; Quim — também sub-Chefe cessante do Lar e relojoeiro; «Charrua» — Chefe há dois anos no Lar, aluno do último ano da Escola Industrial, seralheiro e actualmente o motorista da Casa.

Depois do jantar, Ramiro dá ordens: — Todos os eleitores se reunirão imediatamente nas escolas para a eleição. Têm direito de voto os maiores de 14 anos com exame de 4.ª classe.

Lemos Pai Américo ouvindo

o que ele disse sobre o Chefe. Foi o tom. Pai Américo ficou presente no espírito de todos. Distribuíram-se as listas. Mário tomou o giz e pôs no quadro preto o nome dos elegíveis. Os Rapazes olham, pensam, murmuram. Há calor na sala. Dividem-se os partidos. A consciência trabalha. Cada um terá de se responsabilizar pelo seu voto e assinar a lista. Uma comissão fiscalizou os votos depois de recolhidos e contados.

É necessário maioria absoluta: — Mais de metade dos votos. Começou a leitura. Fulano. Sicrano. Beltrano. Aumenta o «suspenso» na sala. «Charrua» avança à frente de todos e ganha no primeiro escrutínio com 44 votos. Tudo perfeito!... Tudo belo... Onde há no mundo uma coisa assim?!...

Para a chefia do Lar foi eleito o Rufino escolhido somente no segundo escrutínio. O Rufino tem-se revelado um

Rapaz sensato e consciente. Espero que não lhe falte a coragem, a humildade e a alegria. Tem a coadjuvá-lo o António Albino.

Em Casa, dois disputaram o primeiro lugar na condução da vida: — Ramiro e Dâmaso. Acabou por ganhar o Ramiro, ficando o Dâmaso como sub-Chefe.

Foi um momento muito feliz para mim. Irrompam do meu espírito exclamações que só o Senhor ouvia. Obrigado Senhor! Quem me fez digno de uma vida assim?!... Como os Rapazes são bons! Se o mundo soubesse quem eram estes que hoje são Chefes e «quem» são eles hoje!... Aos nossos amigos dou notícia para que comunguem da minha alegria.

Padre Aclio

## Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página,

continuando o homem a ser o «desconhecido» de que nos fala Carrel, só o contacto directo e devotado poderá levar a uma compreensão mais aproximada de cada indivíduo, necessariamente distinto dos outros.

Os problemas da educação são realmente difíceis. Não se resolvem, no entanto, por abdições ou falsas condescendências. Nem tão pouco por meros testes ou simples consultas de ficheiros. Eles exigem

dos educadores uma entrega total e absoluta, tanto mais quanto formar é difícil e penoso. Pedem o recurso a todas as energias e às mais variadas técnicas, tendo presente, como disse Pai Américo, que «a maior das técnicas é o Amor». Mesmo assim há que contar com desaires e falta de correspondência. Não esqueçamos,

Padre Luís

porém, com a Escritura, que «odela o seu filho quem não o educa nem corrige».

Aos leitores Amigos aqui deixamos alguns pensamentos reduzidos a escrito, talvez sem concatenação e sem grande nexo, mas susceptíveis, contudo, de contribuir para auxiliar os interessados numa reflexão mais profunda e séria sobre um magno problema dos nossos tempos, que tantas preocupações e amargos de nossa causa. É que a formação dos futuros Homens, por ser difícil e espinhosa, não deixa de ser obrigação dos pais e dos educadores e continua, apesar de tudo, a ser tarefa aliciante.

## TRIBUNA de Coimbra

O meu almoço daquele domingo foi o panorama familiar e social que encheu a nossa Casa naquela hora.

De manhã chegou a mãe de três filhos que cá temos. O Tribunal de Menores teve de retirar os filhos aos pais. Já tem vindo um homem que dizem ser amante dela. Ao meio dia veio o pai. Quando anua sem vinho é um homem agradável. Com vinho não se pode ver, nem aturar. Traz sempre muitos mimos aos filhos. Nunca trouxe consigo a amante. É um homem marcado pela prisão e pela vida.

Momentos depois veio a mãe doutro. É fisicamente muito diminuída e atrasada mental. Tem cinco filhos de muitos homens. Trazia duas meninas, de um e quatro anos. Vinha acompanhada dum rapaz novo

com quem se juntou há quatro meses. Todos de aspecto bastante abandonado.

No mesmo transporte chegou também a mãe de dois. Tem duas meninas na Casa de Infância. O marido abandonou o lar e juntou-se com outra com quem vive em França. Ela é doente e procura lutar.

Finquei os cotovelos em cima da mesa e apoiei a cabeça nas mãos. Os Rapazes comeram alegremente. Era sopa de puré de feijão branco e o conduto era de batatas guisadas com pombas do nosso pombal. Como sobremesa uma grande maçã do nosso pomar para cada um. Na sua idade eles vivem despreocupados. Estes problemas ainda os não atormentam, embora sejam eles as vítimas.

No meu diálogo interior perguntei à sociedade de hoje o que é que vai deixar à sociedade de amanhã? Perguntei a quantos acreditam nos valores humanos onde querem encontrar um rumo de felicidade? Perguntei à sociedade de hoje que espera milagres dos homens, que testemunho está a dar? Perguntei aos jovens como se preparam pelo namoro sério para a constituição da sua família? Perguntei aos casais como perseveraram no seu amor conjugal? Perguntei aos pais se educam numa escola de renúncia? Perguntei aos educadores se exercem uma missão de amor e verdade? Perguntei aos governantes se servem com generosidade e justiça? Perguntei à sociedade de hoje e a quantos confiam nas Casas do Galato, e outras do mesmo género, qual o ambiente com que nos rodelam para darmos homens bons à sociedade de amanhã?

Este foi o meu almoço e esta foi a minha tarde daquele domingo.

Padre Horácio

## ORDINS

Hoje quem fala são os leitores amigos, que responderam ao apelo feito no número anterior — para o concerto da casa da tecedeira. Chove nela como na rua! Uma leitora do Porto, Criada de servir: «Ganho muito pouco, em vista dos ordenados que agora dão, mas dentro das minhas possibilidades, faço o bem que posso, por isso aqui estão os meus 20\$». Vejam os senhores ricos, quem abre esta coluna — uma simples e humilde Criada de servir! D. Maria José, também do Porto, com 100\$. Madalena — Gaia, 50\$. Ferreira do Alentejo, 20\$. «Correspondendo ao seu apelo, aqui estou presente com os 20\$. Oxalá todos os leitores o façam. Por todos não custa nada». Onde todos ajudam a cruz é mais leve; e eu preciso de tantos cireneus! É de Lisboa quem assim falou. Mais 20\$ da mesma cidade. Rio Caldo — com 20\$. Lisboa

com 50\$ e diz que quer contribuir com 20\$ todos os meses. Novamente Lisboa com 50\$: «apesar de pobre também quero estar presente». Ofélia, 20\$. Maria Brandão, 20\$. Mariana, 20\$. «Acabo de ler «O Galato», que muito admiro e nunca dispenso a sua leitura; aqui vão os 20\$, e tenho pena de não poder mandar mais». Rio de Moinhos, 50\$: «Perante um apelo destes, não podemos ficar indiferentes. Quem gosta que lhe chova em casa?». Cruz do Souto, 20\$. Assinante 26095, 100\$. Mais 25\$, não sei de onde. Duas irmãs de Lisboa, 20\$ que mandam todos os meses, e mais 80\$ para as obras. Da Parede, também contribuíram. Mais 20\$ duma amiga do Jorge; deve ser de algum gaiato, pois alguns donativos vieram por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Tudo isto foi o que se recebeu até hoje. Como vêem, é muito pouco. Responderam apenas 23 leitores. Mas eu não desanimou. O desânimo é dos muito fracos. E, apesar da minha fraqueza, quero ser forte por amor de Deus — e dos meus irmãos em Cristo.

Maria Augusta



A chama não esmorece. Alu-  
mia e aquece cada vez mais!  
Não há dúvida, quando a alma  
é grande — aconrega o mun-  
do. Não importa como, quando  
e quanto. Basta que Deus  
saiba! É o que fazem todos,  
ou quase todos, quantos se de-  
votam à santa cruzada de levar  
aos outros o Fogo incendiário  
que arde nos seus corações  
— motivado pelo «Famoso».

Já temos dito, mas não can-  
samos de repetir: a correspon-  
dência da Campanha de Assi-  
naturas empolga o mais frio  
dos mortais; pelos frutos, pro-  
pósitos e estados d'alma de  
cada um dos intervenientes na  
procissão. As cartas, os pos-  
tais, as legendas, dicretas  
— mas vivas — são depoi-  
mentos calorosos. Até os da-  
queles que — mercê de cir-  
cunstâncias várias — quere-  
riam mais e mais; e choram a  
sua aparente ineficácia! São  
uma grandiosa afirmação de  
Vida. Da nossa vida. Da vida  
de cada um de nós...

Abramos o cortejo. E já que  
Lisboa é a capital — deixemos  
que siga na frente, em-  
bandeirada. Aqui está:

«Tenho a satisfação de vos  
enviar o nome de dois assinan-  
tes, por acaso, irmãos.

São filhos de uma Senhora  
viúva que, encantada com a  
vossa Obra, deseja que a edu-  
cação dos filhos, um com 11  
e outro com 14 anos, se vá  
fazendo acompanhada pela lei-  
tura do jornal «O Gaiato».

Ela quer que cada um deles  
receba o jornal com o seu no-  
me; por isso aqui vai o ende-  
reço de ambos...»

Esta Mãe é mestra. Fixemos  
a lição. E revelêmo-la aos con-  
fins do mundo — começando  
pelas nossas paredes...

## TOJAL

CONT. DA SEGUNDA PAGINA

mero de estudantes. Na 4.ª classe  
fizeram exame sete. Na 5.ª classe  
foi uma desgraça! Dos três que a  
frequentavam nem um só passou. Na  
6.ª classe, de quatro apenas um  
chumbou. No Curso Comercial todos  
passaram.

Este ano temos: cinco matricula-  
dos no Curso Comercial, dois no  
2.º ano e três no 1.º ano. Na 6.ª clas-  
se temos o que não passou o ano  
passado. Na 5.ª classe entraram  
aqueles que fizeram exame da 4.ª  
o ano passado. Estamos todos  
confiantes e esperamos vencer mais um  
ano lectivo com bons resultados.

OBRAS — Falta quase somente  
o que diz respeito à montagem de  
máquinas, para que a primeira parte  
das oficinas novas fique completa.  
Agora, findas as praias, houve um  
período em que tudo correu com  
rapidez. Foi preciso aproveitar, en-  
quanto não começaram as aulas.  
Agora, tudo vai um pouco mais deva-  
gar, embora os Rapazes procurem



TRANSPORTADO NOS AVIÕES  
DA T. A. P. PARA ANGOLA E  
MOÇAMBIQUE

## CAMPANHA DE ASSINATURAS

# Novos assinantes do «Famoso»

Lisboa dá cartas! Ora leiam:

«Junto envio uma lista de  
sete novos assinantes, que só  
agora consegui arranjar.

Mas, «como vale mais tarde  
do que nunca», sinto-me muito  
contente por poder contribuir  
para a expansão do nosso que-  
rido «O Gaiato», jornal peque-  
nino em tamanho, mas tão  
grande em sublime doutrina  
que nas suas páginas encerra  
e nos grandes ensinamentos  
que nele colhemos.

Oxalá que ele exerça nestes  
novos assinantes a influência  
que em mim tem exercido — o  
desejo sempre crescente de

cada vez melhor auxiliar os  
meus irmãos menos favoreci-  
dos, doutrina praticada por  
essa grande alma de eleição  
que foi o Padre Américo.

Procurei arranjar mais assi-  
nantes; mas muitas pessoas  
responderam-me que compra-  
vam o jornal à porta das igre-  
jas e que não queriam contrai-  
r a obrigação da sua assi-  
natura.

Infelizmente ainda há disto!...  
Perdoem-me o desabafo; mas  
revolta-me tanto egoísmo...»

Temos de assinalar o grosso  
da coluna! Não podemos con-  
tinuar as transcrições — por  
mor do espaço. Ficamos amara-  
gurados! Mas tem de ser.

### • A METRÓPOLE DE LÉS A LÉS

De Lisboa, basta o que já  
dissemos. Fora o grupo nume-  
roso de presenças... Porto um

bocadinho menos; mas com  
idêntico entusiasmo.

Passa Ovar, Praia da Granja,  
Águas Santas, Lordelo (Dou-  
ro), Fiães, Alfeite, Tentugal,  
Gaia; e Viseu, que afirma:  
«...mais duas presenças e es-  
pero e tenho confiança em  
Deus que não hei-de ficar por  
aqui...». Vivam os obreiros da  
Campanha!

Mais Rio de Mouro, Vizela,  
Fânzeres, Damaia, Setúbal, Ar-  
mação de Pera, Marco de Ca-  
naveses, Odivelas, Cascais,  
Sintra, Figueira de Castelo  
Rodrigo, Seia, Barreiro, Linda-  
-a-Velha, Figueira da Foz,  
Curia, Perafita, S. João da Ma-  
deira, Vila Viçosa, S. Paio de  
Oleiros, Gondomar, Francelos,  
S. Pedro da Cova, Senhora da  
Hora; e Nelas: «... Reservei  
para o fim o que tanto me cus-  
ta dizer. Eu, que ainda vos  
não arranhei um assinante, ve-  
nho, com mágoa, dizer-vos  
para cancelarem a assinatura

de... Sofri com este pedido,  
mas... não posso obrigar nin-  
guém. Só me admiro como é  
possível não amar o «Famoso!»  
Ó desabafo!

### • ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

Aqui temos Moçambique:  
Lourenço Marques um ror de  
presenças; mais Beira e Ma-  
tola. Da costa ocidental, só  
Cabinda; e Lobito, que nos diz:  
«Envio o nome de mais um  
amigo que também deseja ser  
assinante do vosso jornal. Este  
amigo também foi vosso irmão  
e continua a ser. Foi através  
dele que eu me tornei assi-  
nante do vosso tão querido  
jornal...»

Para terminar, uma série de  
novos leitores — portugueses  
— espalhados por diversos  
países: Canadá, África do Sul,  
França; e do Brasil — país  
irmão.

Mas que grande procissão!!

JÚLIO MENDES

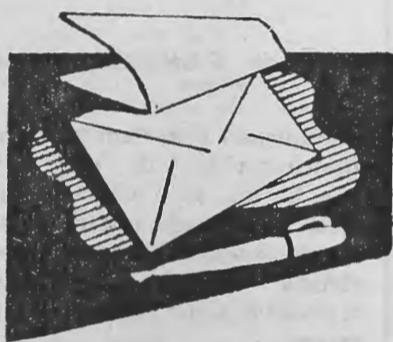
## Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

nência de um critério, é ne-  
cessário à sanidade da vida.  
Pode haver outros melhores...  
Ainda assim, preferível um  
menos bom, ao «jogo dos cinco  
cantinhos» de vários melho-  
res! Entre cada desfazer e re-  
fazer há um desgaste irrecu-  
perável.

O conhecimento requer tem-  
po. O amor também. É artifi-  
cial marcar-lhes prazo, muito  
mais um curto prazo. Sem  
o preciso tempo de gestação,  
dificilmente nascerá algo de  
maduro.

Dito das pessoas, dito das  
nações.



«Meus prezados Amigos:

Por conta do muito que me  
têm dado, envio pouco...

Peço me desculpem só ir  
agora esta insignificante impor-  
tância, que agradeço seja levada  
a crédito da minha assinatura.

Gosto muito da maneira como  
o Evangelho é pregado ao vivo  
pelo nosso «O GAIATO».

Foi através dele que eu con-

segui ver melhor o Mundo, este  
Mundo que apesar de todas as  
suas imperfeições e agressões do  
homem contra o Homem, Deus  
o amou e de que maneira.

Sou membro de uma Igreja  
Evangélica em que o Pastor tam-  
bém prega o Evangelho do mesmo  
modo que é feito através de «O  
GAIATO» e da orientação dessa  
CASA.

Estou confiado que em breve  
voltarei com mais obras e menos  
palavras.

Nosso Senhor Jesus Cristo tem  
dado a toda a minha família  
o suficiente para vivermos rela-  
tivamente felizes e a mim, muito  
mais do que mereço.

Um abraço fraternal do vos-  
so...»

## Malanje

Cont. da PRIMEIRA página

Pátria, com o olhar de Cristo,  
os fiéis do mundo.

x x x

Vou dizer do que nos deram.  
Do calor vivo que emanou do  
teu coração e se fundiu aqui.

Foi. Tinha dito da nossa  
nova casa de habitação, das  
25 camas, 25 colchões, 25, 25,  
25, de tanta coisa.

Começaram os colchões com  
uma peça que o casal Osório  
nos deu; e para os encher a  
Scal do Dondo deu-nos algo-  
dão. Um amigo que é funcio-  
nário da Cotonang, discretamente  
— três mil para o que  
eu quisesse. Casal amigo pela  
mão de seus três amores,  
100 mais 100 mais 50. Casal  
Cochat 500. Na Rex, o amigo  
do costume, 500. Uma excur-

são do Golungo Alto, 500. Ca-  
sal Fonseca, pela segunda vez,  
cinco notas de mil. Boa amiga,  
para o pão de um dia 150; que  
bom que viessem mais 29! Seria  
o pão de um mês. Uma famí-  
lia mandou roupa e 100. As  
alunas de S. José Cluny de  
Luanda, que fizeram a sua ex-  
cursão em Julho, deixaram  
2000; que o Senhor as ajude.  
Uma senhora de Malanje no  
seu estabelecimento, 300. De  
Sta. Comba, boa amiga, 150.  
Uma família, roupa e 100. Anó-  
nimo, 50 na mão. Uma família  
de Luanda uma mala de roupa  
e calçado. Sapataria Império,  
calçado em bom estado. Dos  
nossos amigos da Fábrica de  
Tecidos do Dondo, por inter-  
médio do Octávio Guedes,  
bons e muitos tecidos que bom  
jeito nos fizeram. E mais cinco  
cortes de boa fazenda pelo  
nosso amigo sr. Azevedo. Sen-  
hor amigo, 20; outro, 50. Não  
te canse do bem. Amanhã  
voltamos a precisar.

## Cantinho de Poesia

Voz — silêncio  
que me sussuras  
coisas em vão —  
porque me tanges  
as cordas da solidão?

Passo  
e tu me tocas...  
E eu fico só  
entre o vai-vem  
da multidão.

Pedro - só

Visado pela  
Comissão de Censura

Padre Telmo

Jorge